

UM NOVO CEBRAP

Omar Ribeiro Thomaz

Fundado em um dos períodos mais difíceis da história recente do Brasil, o Cebrap sobreviveu à ditadura e participou ativamente da vida política do país nos anos da transição. Muitos dos seus quadros marcaram — marcam ainda — a cena pública nacional, e um dos seus fundadores alcançou a Presidência da República, levando consigo vários dos antigos colegas, que passaram a ocupar cargos políticos de importância (num processo já vivido pela instituição ao longo da normalização democrática). Momento difícil, pois o Cebrap se viu obrigado a discutir sua identidade, e mais de uma vez considerou-se que ele havia cumprido sua função histórica.

Mas se o Brasil mudou — e as instituições de pesquisa foram fundamentais na dinâmica de sua transformação —, o Cebrap também mudou e novos objetos e questões se impuseram com a renovação de seus quadros. Atualmente temos grandes desafios: dar conta da herança de três décadas de pesquisa, debate público e produção de conhecimento, bem como criar e afirmar uma nova agenda de pesquisa que responda às questões postas por um país em transformação constante e por instituições de pesquisa e intervenção pública que se multiplicaram nos últimos anos. O Cebrap, assim, é interpelado por novas problemáticas e por velhos e novos atores.

As universidades paulistas são, evidentemente, parceiras privilegiadas do Cebrap, cujos quadros hoje compõem-se, em sua quase totalidade, de professores, pesquisadores ou alunos daquelas. O intercâmbio com ONGs e outros centros de pesquisa tem sido também crucial. Instituições e movimentos tradicionais fazem parte da rede de parceiros do Cebrap, entre os quais sindicatos, movimentos sociais e diferentes órgãos de governo e Estado. E a reconfiguração das parcerias foi decisiva na renovação da nossa agenda de pesquisa (vale dizer que não temos, por sorte, uma agenda fixa, o que significa que devemos ter imaginação diante dos imponderáveis que deparamos).

Se o Cebrap marcou a cena intelectual e política do país com suas pesquisas sobre as transformações vividas por São Paulo nas décadas de 70 e 80, é a metrópole que novamente se impõe como temática e campo de estudo privilegiados. Foi fundado, assim, o Centro de Estudos da Metrópole (CEM), que, contando com diversos parceiros — FAU-USP, Fundação Seade,

Metrô, Sesc, TV Cultura — e com o conhecimento acumulado na instituição, pretende investigar as profundas mudanças por que passou o aglomerado metropolitano nos últimos anos.

Quais são os termos que definem a transformação de metrópole industrial em metrópole global? O que dizer dos novos padrões que regem as relações de trabalho? Que institucionalidades permeiam a cena política da Região Metropolitana? Quais concepções de tempo e espaço norteiam o cotidiano dos indivíduos em São Paulo? De que forma os meios de comunicação intervêm na metrópole? Qual o lugar do lazer na vida de seus habitantes? E as múltiplas formas de religiosidade? Estas e outras tantas perguntas motivaram a constituição do CEM, e a cidade aparece como um elo entre aqueles que deram início à instituição e os que, nos dias que correm, voltam a se questionar sobre o seu entorno imediato e as possibilidades de explicação da dinâmica do mundo contemporâneo. E se as relações de trabalho, tradicionais e novas instituições e as reconfigurações do espaço público e político no Brasil continuam a nos mover, vale a pena registrar os outros rumos que se desenham em nossa agenda.

Nos últimos anos o Cebrap vem se afirmando como centro de referência num debate que envolve outras instituições no Brasil, Portugal e Moçambique. O trabalho acumulado por Luiz Felipe de Alencastro sobre a importância dos diferentes espaços sob dominação lusitana na formação do Brasil acabou por enlaçar o passado longínquo dos anos de formação com o presente imediato dos países africanos de língua oficial portuguesa, nomeadamente Moçambique. E vários de nós vêm trabalhando com a formação contemporânea desse país, sua diversidade cultural, sua literatura e sua dinâmica política recente. Já a situação de Angola nos obriga a esperar... Em tempos de globalização, é hora de olhar para o mundo — que necessariamente não se restringe ao Hemisfério Norte.

E nesses tempos ditos globais, a temática ambiental acabou por ultrapassar as fronteiras nacionais. Constituiu-se no Cebrap uma área de Meio Ambiente que, ao investigar o debate no país, veio a trabalhar com várias instituições de carácter global que passaram a atuar em território brasileiro. Lembro ainda as recentes pesquisas realizadas em torno da saúde reprodutiva da mulher e das doenças sexualmente transmissíveis, bem como a participação ativa de membros do Cebrap em órgãos de Estado, como os conselhos nacionais de População e Ensino Superior, o que acaba por estimular ainda mais o debate em torno dos problemas contemporâneos do Brasil e do mundo. Não tratarei de elencar aqui todas as pesquisas que vêm sendo feitas ou se levarão a cabo no Cebrap — além de editor de *Novos Estudos*, faço parte de uma das áreas de pesquisa, e minha visão é forçosamente parcial.

Atualmente somos poucos. Mas temos uma agenda de pesquisa considerável. Do passado herdamos parte dessa agenda, bem como meios privilegiados para desenvolver e difundir o nosso trabalho e o debate interno da instituição. Trataremos de fazer jus a esta difícil e estimulante herança, com o rigor intelectual, a responsabilidade pública e o pluralismo político que sempre nos caracterizaram.

Omar Ribeiro Thomaz é editor de *Novos Estudos* e pesquisador do Cebrap.